



## O último Greimas e o elogio da literatura

Geraldo Vicente Martins\*

**Resumo:** Considerando que os estudos de A. J. Greimas, desde *Semântica estrutural* (1966), sempre reservaram espaço privilegiado à análise de textos literários, este artigo busca assinalar a sua importância para os desdobramentos que o edifício semiótico viria a ter a partir de *Da imperfeição* (1987), último livro de autoria individual do semioticista. Nessa perspectiva, destaca-se o olhar de Greimas sobre os fragmentos literários que toma como *corpus* no volume, em visada que acaba por se constituir como um elogio da literatura e da capacidade que, ao propiciar uma fruição estética a seus enunciatários, possui de chamar a atenção para outros modos de ver e (re)significar o mundo cotidiano dos indivíduos.

**Palavras-chave:** semiótica, discurso literário, apreensão estética

Ao longo de quase três décadas, A. J. Greimas dedicou-se, com paciência e rigor, à construção do edifício semiótico, procurando, com o auxílio de vários colaboradores, dotar a teoria da significação pensada por ele da coerência conceitual necessária à sua aplicação em diversos *corpora* discursivos. Entre estes, os textos literários sempre se constituíram como campo privilegiado de testes para a eficácia do instrumental semiótico.

De *Semântica estrutural*, que se considera como o marco inicial para a elaboração da teoria semiótica, publicada em 1966, até *Semiótica das paixões*, publicada em 1991, em coautoria com Jacques Fontanille, as obras do semioticista lituano radicado na França reservaram espaço a considerações sobre o texto literário, com destaque para duas delas em particular: *Maupassant – a semiótica do texto: exercícios práticos* (1976) e *Da imperfeição* (1987) – e é para a última que este artigo volta a sua atenção, procurando ressaltar nela a importância atribuída por Greimas ao texto literário e seu processo de construção de sentidos, de modo que se pode referir a tal consideração, a nosso ver, como uma espécie de elogio da literatura.

O advento da obra *Da imperfeição*, última produção individual de Greimas, cujo original data de 1987, cinco anos antes da morte do autor, em março de 1992, conduziria as pesquisas em semiótica a novos rumos, voltando sua atenção para a tentativa de compreensão e explicação do evento estético em meio à

vida cotidiana dos sujeitos. Nesse livro, deixando um pouco de lado a preocupação com certas minúcias do instrumental metodológico da teoria, sobretudo no que se refere à metalinguagem, o autor analisa alguns simulacros da apreensão estética, que se erige como um acontecimento extraordinário, encontrados em textos literários modernos, para, depois, ensaiar a proposição de algumas bases para um projeto de ressemantização dos conteúdos esvaziados de sentido na vida de todos os dias.

Obra concebida na maturidade do autor, quando já construía uma versão consistente do arcabouço teórico da semiótica, *Da imperfeição*, para discutir questões associadas à especificidade do acontecimento estético e sua influência sobre o sujeito, se abre com uma indagação a respeito do componente figurativo presente na camada superficial, no nível discursivo, portanto, dos textos. Recobrando elementos de natureza temática, a figuratividade é posta em xeque pelo fato de, na concepção do autor, constituir uma dimensão desviante do sentido. Em reflexão de caráter filosófico e poético, tom que dominará diversas passagens do livro, coloca-se a questão:

Todo parecer é imperfeito: oculta o ser; é a partir dele que se constroem um querer-ser e um dever-ser, o que já é um desvio do sentido. Somente o parecer, enquanto o que pode ser – a possibilidade –, é vivível.

Dito isso, o parecer constitui, apesar de tudo, nossa condição humana. É ele então manejável, perfectível? E, no final das contas, esta veladura de fumaça pode

\* Professor de Língua Portuguesa e Linguística na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Endereço para correspondência: { geedmarfins@yahoo.com.br }.

dissipar-se um pouco e entreabrir-se sobre a vida ou a morte – que importa? (Greimas, 2002, p. 19)

Se, na primeira parte da obra, a reflexão do semiótico está direcionada a simulacros da apreensão estética em um conjunto de textos literários, dos quais quatro são em prosa e um em verso, na segunda, acaba por estender-se a outros conjuntos significantes, como o das vestimentas e de objetos místicos, retomando a intenção que o texto de abertura contém de promover uma reflexão sobre a própria condição humana e o sentido da existência – intenção já manifestada pelo autor em outras ocasiões, ao referir-se ao esquema narrativo canônico como portador do “sentido de uma vida”. Desse modo, ao fazê-lo tomando como alvo central de tais considerações o discurso literário, Greimas acaba por ratificar o elevado grau de importância que confere à literatura, vista como lugar privilegiado para a investigação a respeito do universo de sentidos nos quais, cotidianamente, os indivíduos se veem imersos.

A indagação inicial do semiótico implica ainda a problemática das paixões, uma vez que, na época da publicação do livro, estas eram analisadas e compreendidas a partir da modalização do ser sujeito, posto que, nela, se discutem, além do possível (poder-ser), também o que é desejável (querer-ser) e/ou necessário (dever-ser) para o sujeito. Desse arranjo de modalidades, seus acordos e desacordos, é que nascem as paixões do sujeito. Somos convidados, então, a pensar nossa relação com as linguagens, práticas e objetos significantes como sujeitos apaixonados, seres cujo grau de envolvimento, com o que se busca alcançar, encontra-se sempre modalizado pela própria paixão, o que torna ainda mais significativa a escolha de discursos da literatura para ilustrar as hipóteses trazidas pelo autor.

Nesse sentido, é preciso considerar os fragmentos literários escolhidos para análise por Greimas. O primeiro é extraído da obra *Sexta-feira, ou Os limbos do Pacífico*, do escritor francês Michel Tournier, e focaliza a vida monótona de Robinson, o solitário habitante de uma ilha no meio do Pacífico, que havia conseguido organizar sua vida em torno do ritmo das gotas de água a caírem de uma clepsidra; tal existência, de repente, é transformada por uma gota que, contrariando a expectativa do sujeito, recusa-se a cair. O segundo é um dos capítulos de *Palomar*, do italiano Ítalo Calvino, relatando o passeio pela praia do protagonista que dá título ao livro, e se detém sobre o ponto em que ele se depara com uma jovem a tomar sol com os seios desnudos, voltando-se, várias vezes, sobre o objeto para apreciá-lo. O terceiro é o poema *Exercícios ao piano*, do alemão Rainer Maria Rilke, no qual uma jovem, durante uma cálida tarde de verão, realiza sua lição musical ao piano diante de uma janela aberta para um belo e fresco jardim, que parece vir incomodá-la. O quarto é um trecho do *Elogio da Sombra*, do japonês

Junichiro Tanizaki, em que o narrador relata uma experiência vivida na juventude, com a observação da incidência das trevas sobre a luz de uma vela em uma sala preparada para determinada cerimônia. O quinto e último texto analisado por Greimas é *Continuidade dos parques*, do argentino Julio Cortazár, no qual a relação entre leitor e leitura é tratada de uma maneira surrealista. O sujeito de uma narrativa sobre traição amorosa revela-se, ao final do conto, como o próprio marido traído a ler a história.

Ao reunir tais textos, na primeira parte do livro, o autor o faz sob a denominação de *A fratura*, visando oferecer ao leitor já uma interpretação pessoal da função que o acontecimento estético ocupa na vida dos sujeitos: trata-se de romper o seu cotidiano, ressemantizando ações corriqueiras que haviam perdido o sentido para ele, tornando-se dessemantizadas, simples encadeamento de insignificâncias. É a partir de um evento descontínuo na continuidade da existência, resultando na imperfeição mencionada no título, que a vida passa a adquirir, novamente, sentido.

Na segunda parte da obra, denominada *As escapatórias*, a atenção do autor se volta para a possibilidade de os próprios sujeitos construírem momentos em que o mundo, de certa forma, se transfigura a seus olhos, não esperando o sentido pleno da existência advir somente de uma conjunção rara e feliz entre sujeito e objeto, dependente de um tempo e um espaço únicos. Nesse trajeto, Greimas retoma considerações de natureza histórica para discutir pontos de vista ocidentais sobre a noção de estética e estesia, concedendo uma sobrevalorização à última. Assim, em três curtos capítulos, “Imanência do sensível”, “Uma estética exaurida” e “A espera do inesperado”, procura discutir elementos que poderiam servir de base à construção de tais momentos propícios à realização do encontro entre sujeito e objeto.

No primeiro fragmento, em que a gota, responsável pela marcação do tempo cotidiano para o sujeito, recusa-se a cair, chamando sua atenção para a possibilidade de uma outra ilha, figurativização de uma outra existência, temos já um caráter inusitado da experiência por que passa o sujeito. Uma simples gota apresenta-se como vivência do possível; ela é, na ausência da experiência desejada, a manifestação do mundo sonhado pelo sujeito. Analisando as representações da gota que se recusa a cair, Greimas (2002, p. 29) declara: “Esta, enquanto figura do mundo, apropria-se gramaticalmente das funções do sujeito e opera ostensivamente, no coração do objeto, como um ator modalizado e patêmico”.

Em sua busca para conferir uma explicação de natureza semiótica à sua análise, o autor entende que a gota cumpre a função de sujeito do fazer, ao se tornar responsável pela transformação de Robinson e levá-lo a entrar em conjunção com o conhecimento de uma

outra ilha possível. Não é sem razão que, contemplado o primeiro evento, o sujeito passa a vivenciar a expectativa da irrupção de nova ocorrência semelhante, revestindo a espera de um caráter tensivo intenso e trazendo à lembrança a reminiscência do momento feliz que lhe sobreviera.

Na conclusão da análise, com o intuito de recuperar as marcas presentes na relação especial entre sujeito e acontecimento estético, encontra-se o seguinte comentário:

A inserção na cotidianidade, a espera, a ruptura de isotopia, que é uma fratura, a oscilação do sujeito, o estatuto particular do objeto, a relação sensorial entre ambos, a unicidade da experiência, a esperança de uma total conjunção, esses são os poucos elementos constitutivos da apreensão estética que o texto de Michel Tournier nos revelou. (Greimas, 2002, p. 30)

A força do acontecido para Robinson é exemplar da pregnância sensível que o acompanha, cujo significante aponta para um outro sentido, inacessível à primeira vista, interpelando o sujeito para que busque alcançá-lo. Assim, por meio da análise do evento estético, o autor menciona a eficácia de tal ocorrência pelo “estatuto particular do objeto” para abordar o problema figurativo trazido pelo texto de Tournier.

No que se refere ao relato de Palomar, a conjunção que se discute é também muito mais de natureza visual do que tátil. Ao se deparar com a visão de uma jovem banhista a tomar sol com os seios nus na praia, ele se volta, diversas vezes, para a direção da moça, ávido de contemplar o belo objeto que se lhe apresenta; por isso, Palomar busca ângulos ideais para que possa melhor admirar a beleza da jovem. Dada a forma com que o sujeito observa o objeto, trata-se de uma apreensão estética, pois, muito embora um seio desnudo seja uma visão ordinária, sua transfiguração em algo sobrenatural pelo olhar do sujeito, confere-lhe traços de natureza artística.

Mais do que a conjunção propriamente dita entre sujeito e objeto, o que se verifica é a importância atribuída ao olhar do sujeito, ansioso por apreender, na totalidade, a imagem à sua frente. Acentuando o caráter concreto desse olhar, Greimas (2002, p. 36) nota: “A visualidade de Calvino, prolongando-se assim, desce delicadamente alguns graus em direção ao toque, forma figurativa da conjunção”. Se a conjunção física, efetivamente, não ocorre, cabe à percepção visual do sujeito a tarefa de alcançar o objeto.

Contudo, a isotopia estética que se constrói por meio das considerações de Palomar durante a observação dos seios da jovem, pondo a parte quaisquer apreciações de ordem moral sobre o ato, evocam, outra vez, a pregnância sensível do objeto. Assim, os seios não valem somente pelo que são, a saber, metonímia do corpo feminino, mas também pela beleza que contêm, fato que leva o sujeito à reflexão sobre o caráter da

própria apreensão estética, obrigando-o a construir um ritual e um cenário para a conjunção desejada, por meio da busca de um lugar de onde se possa admirar melhor o espetáculo.

A leitura do terceiro texto analisado pelo semiotista, *Exercícios ao piano*, um poema de Rilke, convida o leitor a presenciar a lição musical cumprida por uma jovem durante uma tarde cálida; defronte ao piano em que executa seu número, cuja temporalidade é marcada ostensivamente pelo ritmo de um metrônomo, a jovem conta com uma janela que se abre para o jardim, onde a frescura domina, mas do qual se recolhe um insistente perfume de jasmim. Como o jardim parece querer adentrar o espaço da sala ocupada pela jovem, e invadir a ela também, possuindo-a, com um gesto, ela o recusa e afasta. É sobre a recusa que o semiotista constrói grande parte de suas considerações sobre o texto. Antes de avançar em sua leitura, porém, ele faz uma advertência:

Um perigo incessante ronda a nossa descrição, um risco presente a cada instante, de confundir – ou ao menos de inverter – os três planos de leitura desse texto: a encenação da apreensão estética, cujo ator figurativo é a jovem, o devaneio do poeta entorpecido pela pesada tarde de verão e, enfim, o poema ele mesmo, objeto estético por excelência, que, como tal, se oferece a nós, os leitores. Pois, se a primeira leitura nos apresenta o sujeito que se recusa a afrontar a “realidade” oculta que se dirige em sua direção, a segunda, situada sobre o plano onírico, trata o imaginário como uma potencialidade de construção do objeto e, exaltando a beleza da espera, considera a espera como objeto da apreensão estética *per se*: a recusa, nesse caso, transforma-se em sanção positiva da experiência. (Greimas, 2002, p. 45)

Apesar de apontar a confusão entre os planos de leitura como um perigo, é por meio dele que o semiotista indica a possibilidade de existirem experiências estéticas (e, por extensão, narrativas) nas quais, mais importante que a conjunção em si com o objeto visado, a administração do tempo precede esse estar conjunto. Estaríamos, então, autorizados a postular uma nova forma de manifestação da categoria juntiva, semelhante à disjunção, remetendo ao objeto ainda não possuído, mas, ao mesmo tempo e paradoxalmente, diversa dela, porque se refere a uma resistência da conjunção possível por parte do próprio sujeito que parecia desejá-la; também não se trata de uma simples etapa de não-conjunção, haja vista que, de certo modo, os valores visados pelo sujeito já se encontram a seu alcance.

Nesse sentido, postula-se que, de algum modo, o que conta, de fato, é a modalização do sujeito a partir das manipulações sobre ele efetuadas, seja por um destinatário imanente ou, como parece ser mais adequado à explicação dos textos analisados na obra em questão, transcendente. Dada a existência de tal possibilidade, é natural que a recusa seja também vista como uma

sanção positiva da espera como o acontecimento extraordinário em si.

A realização de uma retro-leitura sobre os trechos analisados por Greimas promove o reconhecimento da grande importância atribuída à sensorialidade na definição dos acontecimentos estéticos, ressaltando-se sua percepção pelos sujeitos. A visão e o tato ocupam função determinante nas experiências por que passam Robinson, Palomar e a jovem ao piano. Existe, portanto, a preocupação de mencionar a presença do corpo para situá-lo como elemento em que se radica a apreensão estética.

No fragmento extraído do *Elogio da sombra*, de Tanizaki, novamente a visão ocupa um papel primordial, e o olho, como fonte primeira do conhecimento a ser preservada, divide com a luz e a escuridão a função de protagonista do texto. O narrador rememora um acontecimento presenciado por ele há muitos anos e, a partir do qual, em função dos arranjos cenográficos ocorridos em determinada casa a que realizava uma visita, bem como de uma feliz coincidência temporal, pudera presenciar a “cor das trevas”. O impacto dessa visão sobre o sujeito fora tão significativo que ele cerrara os olhos para que ela não o dominasse.

A conjunção entre sujeito e objeto, de início à distância, acaba por subjugar a capacidade de dominação do primeiro, obrigando-o a fechar os olhos para não perder o seu estatuto semiótico. Eis que, uma vez mais, a força do evento extraordinário que é a apreensão estética mostra-se capaz de subverter a função de sujeito transformador, tirando-a daquele que, em um primeiro momento, parecia ser o responsável pelo fazer para cedê-la ao objeto. Como bem nota o semioticista:

É no plano físico, no nível da pura sensação - as partículas da matéria resplandecendo todas as cores e indo introduzir-se nos olhos -, que se faz a conjunção do objeto com o sujeito ou, antes, a invasão do sujeito pelo objeto, uma penetração que não pode senão fazer pensar nas experiências de um Henri Michaux, descritas em *Les grandes épreuves de l'esprit*, em que o sujeito, sob efeitos das drogas, é anonado, despojado pelo espaço em expansão, que, onipresente, o absorve inteiramente. Estamos aqui em presença da estesis que atingiu os seus limites, no momento em que a consciência do sujeito está no ponto de dissolver-se em um mundo excessivo. (Greimas, 2002, p. 52)

Recusando-se a conferir o estatuto do fazer às trevas, tratando ainda o elemento contemplado como objeto, o autor acaba por realçar seu caráter subversivo, uma vez que é capaz de impor-se com tamanha força ao sujeito que, somente, resta a este a ação de recuar frente a invasão representada por aquele. Inverte-se a orientação tradicional da narrativa, responsável por conduzir o sujeito rumo ao objeto, para ceder ao último a predominância sobre o primeiro.

Efetivamente, para além da experiência estética que também se configura nas linhas de Tanizaki, discute-se, outra vez, o problema da junção, questão recor-

rente nos simulacros estéticos de que trata o autor. Isso mostra que a categoria juntiva, presente desde as formulações iniciais da semiótica, continuava a determinar muitos dos passos que a teoria ensaiaria rumo a novas direções de pesquisa nos anos posteriores.

O último texto analisado pelo semioticista é o conto *Continuidade dos parques*, de Cortazár. Nele, o leitor de um romance, cuja narrativa versa sobre um casal de amantes discutindo um plano para a eliminação do marido traído, vê-se, à medida que a leitura avança, enredado na própria trama, tornando-se, justamente, a personagem a ser assassinada pelo amante. Ocorre, portanto, uma transposição entre dois dos níveis enunciativos: da enunciação enunciada, o leitor é conduzido para o nível do enunciado, tornando-se testemunha, cúmplice e, finalmente, vítima da trama dos amantes. Isso leva Greimas (2002, p. 62) a afirmar: “O sujeito-observador, integrado nesse mundo, não pode mais disso escapar: doravante, a fatalidade e a morte pesam sobre ele, tanto como sobre os outros personagens do romance, fazendo-o participar de sua sina”.

Ainda que grande parte da discussão seja dedicada a analisar esse jogo entre um e outro nível enunciativo, e as consequências trazidas para o desenvolvimento do enredo, há que se considerar também a conjunção do sujeito leitor e dos sujeitos da narrativa, por meio do tato, com os objetos que o cercam ou entre si. O primeiro, ao preparar-se para a entrega à atividade de leitura, escolhe uma confortável poltrona de veludo (além de procurar garantir o sossego do cenário em que se realizaria a empreitada) e, enquanto lê, acaricia o material que a compõe; os segundos acariciam a face um do outro. Dessa forma, o contato tátil, uma vez mais, apresenta-se como traço marcante para a experiência dos sujeitos.

É considerando, então, essa linha de raciocínio que a análise do conto termina com Greimas (2002, p. 65) a concluir: “Uma efêmera sensação tátil, o contato delicado do sujeito com o outro - o veludo, a face (a bochecha, no conto em espanhol e francês) - é tudo o que resta quando não há nada mais a esperar”.

Curiosamente, no final das análises efetuadas sobre os diversos trechos literários, o autor aponta uma quase-ausência de elementos a serem considerados pelos sujeitos quando a espera não oferece muitas expectativas. Parece querer afirmar, indiretamente, que a tensão da espera é um dos grandes elementos constitutivos do sujeito prestes a vivenciar um acontecimento estético. Tal ponto de vista será retomado pelo autor na segunda parte da obra, efetuando-se alguns desdobramentos sobre ele.

Portanto, elaboradas as análises, de que retivemos o essencial nas linhas precedentes, o autor dedica-se a construir um pouco de teoria sobre as observações proporcionadas pelo material de estudo. Questionando-se, de início, a respeito da possibilidade de as apreensões

estéticas “de papel” serem relacionadas àquelas que, efetivamente, tomam forma na vida das pessoas, o semioticista, ainda fazendo uso de uma linguagem dotada de elevado teor figurativo e filosófico, tece considerações sobre a natureza do acontecimento. Nesse sentido, assinala:

Algo, não se sabe o que, acontece de repente: nem belo, nem bom, nem verdadeiro mas tudo isto de uma só vez. Nem sequer isso: outra coisa. Cognitivamente inapreensível, esta fratura na vida é, depois, susceptível de todas as interpretações: crê-se reencontrar aí a insuspeitada espera que a precedeu, crê-se aí reconhecer a *madeleine* que remete às imemoráveis nascentes do ser; ela faz nascer a esperança de uma vida verdadeira, de uma fusão total do sujeito e do objeto. Ao mesmo tempo que o sabor de eternidade, ela deixa o ressaibo da imperfeição. (Greimas, 2002, p. 70)

A incapacidade do sujeito para compreender o que lhe sucede no momento da apreensão estética conduz o semioticista a apontar, primeiro, para uma experiência resultante da conjugação das diversas categorias com que, normalmente, efetuam-se juízos sobre as coisas, sejam elas estéticas (em sentido estrito), éticas ou morais; depois, para a supressão mesmo de tais categorias, invocando-se a unicidade do ocorrido. Isso porque, dada a especificidade do acontecimento, torna-se impossível para o sujeito entendê-lo sob o crivo dos elementos com que se validam os valores presentes no cotidiano. Desse modo, é na dimensão patêmica do sujeito que se podem localizar tais fenômenos, os quais, por sua vez, apenas se lhe tornam compreensíveis após sua ocorrência, indicando que é necessário observá-los em sua inteireza – e, ainda assim, verifica-se que eles se abrem a interpretações diversas.

Mas se, na esteira do pensamento que se constrói em *Da imperfeição*, é preciso, por um lado, cultivar a espera dos momentos felizes que se mostram capazes de fraturar a rotina entediante dos sujeitos, levando-os a sonharem com uma conjunção plena com o objeto; por outro, não se faz menos necessário trabalhar para a construção desses momentos. Cabe aos seres humanos, portanto, construir uma possibilidade mais realizável dos instantes que se vive, conferindo um caráter estético à própria vida, ao se descobrir e aceitar que:

O universo estético avalia, exalta os seus valores a partir de um horizonte neutro: quer se trate da *indiferença*, que lhes serve de contrastante patêmica, quer se trate, sobretudo, da *insignificância*, repulsa de qualquer atribuição, os valores estéticos, ascendentes, afirmam-se como um excedente de sentido. (Greimas, 2002, p. 80)

A proposição de uma axiologia específica para o universo estético, que, ao ser tomada em consideração, faça frente aos valores mundanos correntes, provoca um novo olhar sobre nossas condutas rotineiras. Surgindo como alternativa, a valorização estética dos momentos que, somados, constituem a vida dos sujeitos

visa a projetar a existência humana em direção a um patamar superior, atribuindo-lhe o sentido necessário. E isso pode tornar-se possível por meio da recuperação da instância do imaginário, essa faculdade que leva os indivíduos a valorizarem a criação de imagens no cotidiano, evitando-se, de todo modo, o risco constante de sua banalização e o de uma anestesia dos sentidos. Assim, o trabalho de construir tal valorização torna-se urgente, sobretudo, quando se nota que:

Nossos comportamentos cotidianos, convenientemente programados e otimizados, perdem pouco a pouco seus significados, de tal modo que inumeráveis programas de uso não têm mais necessidade de ser controlados um a um: nossos gestos se convertem em gesticulações; nossos pensamentos, em clichês. (Greimas, 2002, p. 80)

É a rotina, a banalização dos conteúdos diários da existência, fundamentada no utilitarismo das ações levadas a cabo pelos sujeitos, a corroer os projetos de vida, tornando-os totalmente despojados de sentido. Contudo, ao mesmo tempo em que se faz necessário preparar o acontecimento estético, é preciso estar atento para que tal preparação não se torne também um fim em si mesmo, apresentando-se como uma finalidade sem fins. Tal cuidado se justifica, afinal:

As paixões, a força de repetição, se fixam em papéis patêmicos, isto é, finalmente, em simulacros passionais representáveis. O espírito se degrada para acabar em seqüências de brincadeiras gastas. O amor murcha, gasta-se, para se converter em indiferença, ou, no melhor dos casos, em uma “estética das cenas domésticas”. (Greimas, 2002, p. 82)

Verifica-se, portanto, que o perigo de uma estetização da existência pode levar igualmente à insignificância, à dessemantização dos conteúdos que a compõem, porque se um dos pontos em que reside a preparação do acontecimento extraordinário é a tensão, revelada na espera, cultivá-la, a todo tempo, pode beirar o limite do insustentável para a natureza humana ou, no outro extremo, conduzir os sujeitos, novamente, à repetição desprovida de sentido de alguns rituais. Nessa perspectiva, talvez o que se revele mais adequado seja a construção de momentos de estesia, de intensas experiências sensíveis, nos quais o sujeito possa ressignificar a própria vida. Nas palavras do autor:

Pode-se sonhar: e se, no lugar de uma ambição totalizante que procura transfigurar toda a vida e pôe em jogo o conjunto do percurso do sujeito, este pudesse proceder a um desmembramento de seus programas, à valorização do detalhe do “vivido”? Se um olhar metonímico e demorado se dedicasse a abordar com seriedade as coisas simples?... Uma vida assim aplanada – pode-se pensar nesse jardineiro japonês que a cada manhã dispõe um pouco distintamente as pedras e a areia de seu jardim – poderia então produzir, com “quase nada”, um inesperado quase imperceptível, anunciando uma nova jornada. (Greimas, 2002, p. 89)

A proposta de conferir sentido à existência, portanto, deve deixar de lado as grandes ambições e voltar-se para a conquista do ínfimo: é a partir da valorização do tempo, buscando reter o instante que passa, e do espaço, conferindo-se importância aos seus fragmentos, que o sujeito pode aproximar-se, aos poucos, do que lhe é, de fato, essencial, sem, todavia, abandonar a ordem das coisas materiais que o circunda. Eis que se volta para um projeto de ressemantização da vida responsável por valorizar as pequenas coisas, o que nos parece insignificante, mas é capaz de revelar o verdadeiro caminho para a apreensão estética, para a experiência do poético em momentos banais da vida cotidiana. Apresentada a proposta, o semioticista pode concluir:

Querer dizer o indizível, pintar o invisível: provas de que a coisa, única, adveio, que outra coisa seja talvez possível. Nostalgias e esperas alimentam o imaginário cujas formas, murchas ou desabrochadas, substituem a vida: a imperfeição, desviante, cumpre assim, em parte seu papel.

Vãs tentativas de submeter o cotidiano ou dele esvair-se: busca do inesperado que foge. E, todavia, os valores ditos estéticos são os únicos próprios, os únicos que, rejeitando toda negatividade, nos arremessam para o alto. A imperfeição aparece como um trampolim que nos projeta da insignificância em direção ao sentido.

O que resta? A inocência: sonho de um retorno às nascentes quando o homem e o mundo constituíam um só numa pancália original. Ou a vigilante espera de uma estesia única, de um deslumbramento ante o qual não nos encontraríamos obrigados a fechar as pálpebras. *Merh Licht!* (Greimas, 2002, p. 91)

Em paralelismo com a epígrafe inicial da obra, o autor retoma as considerações em torno da imperfeição para alçá-la, definitivamente, ao estatuto de responsável pela possibilidade de a vida cotidiana e suas práticas adquirirem um novo sentido. Diante da impossibilidade de enunciar o grande acontecimento vivido, o sujeito vê-se obrigado a lançar um olhar retrospectivo sobre o passado e outro prospectivo sobre o porvir, alimentando a expectativa de que ele se repita; mas e no presente, como fica a vida desse sujeito em constante tensão? Como atualizar os fragmentos da ocorrência extraordinária e garantir-lhe a manutenção de uma vida aceitável?

A resposta a essas questões, a nosso ver, parece estar contida nos desafios de leitura e interpretação

que os discursos literários colocam em cena. Considerando, com Bertrand (2003, p. 89), a pertinência do conceito de enunciação, “compreendida como a mediação entre o sistema social da língua e sua assunção por uma pessoa individual na relação com o outro”, sabemos, há muito, que leitura e interpretação constituem operações de construção de sentidos, tornando tênues os fios que ligam enunciador e enunciatário, posições antitéticas mas complementares, nesse contato com os textos literários; encarnadas em sujeitos sensíveis (todos nós, vale dizer!), as considerações sobre tais instâncias enunciativas adquirem contornos bastantes sugestivos: caberia a ambos, enunciador e enunciatário, a responsabilidade por um fazer que garantisse a revitalização dos sentidos das práticas e objetos com que nos vemos às voltas, dia após dia.

Assim, ao buscar na literatura os exemplos de eventos extraordinários do sentido que ilustram sua hipótese a respeito da apreensão estética, é como se Greimas nos quisesse lembrar de que permanece sempre aberta (e ao seu alcance) a possibilidade de uma experiência “sobrenatural” para o sujeito, como modo de lhe transcender a vida ordinária de todos os dias, apresentando-se como capaz de transformar-lhes os gestos e palavras habituais em portadores de um outro sentido, mais pleno porque menos desgastado. Trata-se, portanto, da vivência da manifestação dos sentidos como uma revelação do que se encontra oculto no cotidiano que (n)os envolve. Tal opção não deixa de ser um reconhecimento da literatura e de sua capacidade de chamar a atenção dos indivíduos para outros modos de ver e (re)significar o mundo de todos os dias que os cerca; ou seja, um grande elogio da literatura. ●

## Referências

- Bertrand, Denis  
2003. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru, SP: Edusc.
- Greimas, Algirdas Julien  
2002. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker Editores.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Martins, Geraldo Vicente  
The last Greimas and the praise of literature  
*Estudos Semióticos*, vol. 13, n. 2 (2017)  
ISSN 1980-4016

---

**Abstract:** *Considering that the studies of A. J. Greimas, since Structural Semantics (1966), have always reserved a privileged space for the analysis of literary texts, this article seeks to point out its importance for the developments that the semiotic building would have from On Imperfection (1987), the last book of individual authorship of the semiotician. In this perspective, we highlight Greimas' gaze on the literary fragments that he takes as a corpus in the volume, which ends up being a praise of literature and the capacity that has to call attention to other ways of seeing and (re)signifying the everyday world of individuals, by providing an aesthetic enjoyment to its utterances.*

**Keywords:** *Semiotics ; literary discourse ; aesthetic apprehension*

---

### Como citar este artigo

MARTINS, Geraldo Vicente. O último Greimas e o elogio da literatura. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 13, n. 2 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2017, p. 96-101. Disponível em: ( [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) ). Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 31/08/2017

Data de sua aprovação: 07/10/2017

---